



ALDEIA TUPIABÁ: CARTAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Marina Rodrigues Miranda¹

Márcia Regina Rodrigues Ferreira²

Rafaella Capela Leão³

Gerda Margit Schutz-Foerste⁴

Resumo: O presente artigo, no âmbito do projeto Tupiabá, desafia-nos a refletir sobre as ideias de adiar o fim do mundo (KRENAK, 2019). Cartas foram produzidas com o intuito de saber como os indígenas aldeados e o mundo respondiam às provocações de Krenak em plena pandemia de Covid-19. As respostas de adiar o fim do mundo representam alternativas de vida e resistência às formas genocidas, figurando como “paraquedas coloridos” em meio ao caos e à morte. Essas escritas de si nos presentearam com histórias dos saberes da vida e da terra nas cosmogonias dos antepassados, constituindo conhecimentos valiosos para esse tempo, nas quais evidenciam cosmovisões que podem significar e recriar a vida, especialmente, abrindo canais de comunicação que contam outras histórias, muitas vezes apagadas, silenciadas, assassinadas.

Palavras-chave: povos indígenas; escritas de si; resistência; cosmologias.

TUPIABÁ VILLAGE: LETTERS TO POSTPONE THE END OF THE WORLD

Abstract: This article challenges us to reflect on the ideas of postponing the end of the world (KRENAK, 2019), within the scope of the Tupiabá project. Letters were produced with the intention of understanding how indigenous people in villages and the world responded to Krenak's provocations amid the Covid-19 pandemic. The responses to postpone the end of the world represent alternatives for life and resistance against genocidal forms, appearing as "colorful parachutes" amidst chaos and death. These self-writings have gifted us with stories of indigenous ancestral knowledge about life and the land within the cosmogonies of our forefathers, constituting valuable knowledge for this time. They highlight cosmologies that can give meaning to and recreate life, particularly by opening channels of communication that tell other stories, often erased, silenced, or murdered.

Keywords: indigenous peoples; self-writings; resistance; cosmologies.

Considerações iniciais

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo, CEP: 29075-910. marina.r.miranda@ufes.br

² Estudante do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, CEP: 29075-910. marciarrodriguesferreira@gmail.com

³ Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará, campus Altamira, CEP: 68372-040. rafaellaleao@ufpa.br

⁴ Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo, CEP: 29075-910. gerda.foerste@ufes.br

No início de 2020, quando o mundo e o Brasil foram afetados pelo colapso sanitário deflagrado pela pandemia da Covid-19, uma crise política e econômica foi desencadeada e todos os alicerces da sociedade brasileira ruíram. Como se proteger? Baniwa (2023) afirma que o uso das ervas medicinais é prioritário nas culturas indígenas, tanto no tratamento de doenças como no benzimento dos povos, consagrando a espiritualidade necessária para regeneração do planeta. Essa autora é originária de uma Terra Indígena no Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira-AM, e afirma que o benzimento em seu território foi a salvação na pandemia,

[...] Imagine uma pandemia da Covid 19 afetar a comunidade toda. Eu particularmente senti muito medo pelos meus parentes – meus pais, parentes, porque a gente é parente do Rio Negro, mas todo mundo é parente! [...] O que era a Covid 19? Era um pouco de febre, de tosse, dor no corpo, mal-estar, perda de paladar, não sei o que mais. [...] Se não temos remédio, a gente vai recorrer aos nossos conhecimentos, que era o uso de plantas, de chás, de cascas de árvores, de folhas, plantas para banho. [...] E o banho era para ser o escudo, para proteger da doença. E, além disso, a gente recorreu ao benzimento. Benzimento é outro mundo! É um cigarro, é breu..., é caranha, que é parecido com um breu que te dá outro contexto. É como você estivesse dentro da bolha de sabão, o benzimento te protege (BANIWA, 2023, p. 22-23).

A extensão do impacto da pandemia assolou os povos indígenas do Brasil. Nesse período, a luta pela vida era/é pauta maior dos povos originários. A questão se agravou mediante a posição negacionista do governo que, estrategicamente, orquestrou uma política de extermínio. As populações indígenas ficaram isoladas e sem acesso às medidas cabíveis de prevenção do ciclo vacinal, que eram prioridade na seguridade de suas vidas.

Nessa temporalidade, as lideranças desses territórios denunciavam o risco de contágios pela ampliação desenfreada das invasões garimpeiras, desmatamentos e tráficos das riquezas naturais nas terras indígenas. Foi nesse clima de terror e crise sanitária que nos debruçamos como professoras-pesquisadoras, atuantes na Formação de Professores Indígenas, e nos engajamos nessa luta, propagando nas redes sociais as violações de direitos dos povos indígenas do Brasil.

Por meio de uma abordagem qualitativa, construímos um projeto de extensão em parcerias com professores (as) indígenas, visando provocar diálogos identitários

para adiar o fim do mundo (MIRANDA; STRELHOW; CARMARGO, 2020). A proposta envolveu um coletivo de professores dos municípios do estado do Espírito Santo, com outros de diferentes estados. Diante da situação alarmante, nos questionamos: como podemos contribuir para a criação de espaços em redes de fortalecimento mútuo e ações conscientes em tempos de pandemia?

O propósito era que esse coletivo pudesse construir experiências de pensamentos em alteridade com povos indígenas em seu bem viver, ainda que estivéssemos em pandemia. Desse modo, pensamos em compartilhar efetivamente nas redes os conhecimentos reverberados pelas lideranças indígenas em seus modos de existência e resistência em tempo de crise sanitária, apreendendo de suas ecologias ideias para adiar o fim do mundo.

Inspiradas nos etnoconhecimentos⁵ indígenas, compomos formações continuadas em parceria com professores de alguns agrupamentos indígenas. Nesse tempo, fizemos circular até as comunidades indígenas aldeadas, as escritas de cartas de professores e crianças cidadinas que estavam impedidas de frequentar a escola. E para que as cartas fossem compartilhadas, foi implementado um canal de suporte digital, criando elo entre o mundo e essas comunidades. Assim, as cartas foram intensamente produzidas e trocadas entre os sujeitos do mundo e as crianças das aldeias indígenas, possibilitando reacender utopias em tempos de distopias.

Contamos com a participação de professoras das escolas indígenas e lideranças de territórios, porta-vozes nas comunidades da leitura das correspondências recebidas através do site Tupiabá. Dessa forma, foi estabelecido um círculo de leituras coletivas com as crianças das aldeias, principais destinatárias desse projeto. Os professores foram particularmente parceiros na criação das redes de trocas das cartas literárias. O presente artigo aborda partes do processo tecido nas experiências em tempos de emergência pandêmica.

Tupiabá: educação à várias mãos

⁵ Produção de conhecimentos vinculados aos saberes de um povo. No caso de estudos com povos indígenas, se levarmos em conta que somos 305 povos e 274 línguas indígenas, cada etnia (povo) tem a sua especificidade.

O projeto Tupiabá⁶, inspirado na obra “Ideias para adiar o fim do mundo” do indígena Ailton Krenak (2019), foi criado com o intuito de valorizar os patrimônios ancestrais memoráveis dos povos originários, promovendo interlocuções nos diferentes espaços desses territórios. A proposta era/é conhecer as diferentes cosmologias desses povos, compondo coletivos de estudos que têm como pauta as oralidades da tradição indígena. Os projetos com povos originários são circularidades educativas fundamentadas em metodologias participativas, realizadas por professores e estudantes universitários que almejam construir experiências culturais e cosmológicas com essas comunidades.

As pesquisas são realizadas no âmbito da formação de professores indígenas e não indígenas, que entrelaçam projetos vinculados às oralidades das infâncias e adolescências, integrando etnoformações intergeracionais nos círculos civilizatórios de conhecimentos.

E na pandemia, outras oralidades se propagaram na manutenção da própria subjetividade desse projeto, implicado no contributo narrativo crítico aos modelos ocidentais. O que produzimos enquanto coletivo Tupiabá em tempo pandêmico do coronavírus? A ideia era circular histórias e memórias das nossas identidades, dos nossos modos de existência e até de retomada de uma territorialidade identitária indígena, a partir das escritas das cartas. Realçando o escopo formativo do projeto anunciado, Krenak compõem a tessitura.

Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar este padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos no abismo. Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu? Houve um tempo em que o planeta que chamamos Terra juntava os continentes todos em grande Pangeia. Se olhássemos lá de cima do céu, tiraria uma fotografia completamente diferente do globo (KRENAK, 2019, p.57, grifo nosso).

⁶ O projeto Tupiabá é criado com o desejo intrínseco de vincular-se às culturas Tupi, com destaque ao tupinambá, no tupiniquim, no tupi-guarani presentes em território capixaba. O termo também dialoga com a literatura Jubiabá de Jorge Amado, expressando sua relação com a manifestação cultural afro-brasileira e indígena. Produzido em tempos pandêmicos, o projeto objetivou, e ainda objetiva, tecer uma rede de relações entre os sujeitos e suas culturas, com “ideias para adiar o fim do mundo”. Consulte o site: <https://projetotupiaba.com.br/>

No arvorar do projeto Tupiabá, muitos movimentos foram realizados, e somamos pesquisadores/as e ativistas para refletir e compor o escopo da proposta. A intenção era provocar, instigar e inspirar escritas-mundo, a partir de *corpus* narrativos e indagativos múltiplos, como por exemplo: como estariam os povos indígenas frente aos riscos da doença? Permaneceriam resistentes como barreira viva para a manutenção da floresta em pé em seus territórios? Como salvaguardariam suas vidas? E seus repertórios memoráveis no resguardo dos mitos dos seus antepassados, estariam ameaçados frente às notícias da morte dos idosos, guardiões herdeiros dos agrupamentos indígenas? Eles permaneceriam escrevendo cartas denunciando as violações de seus direitos, no sentido de não terem acesso à vacina?

Diante do exposto, vimos a necessidade de escrever e conhecer as realidades dos territórios na ânsia de receber notícias, escutando as próprias vozes reverberadas das cartas dos guardiões da terra e do céu. A escuta e leitura dessas cartas reavivaria a espiritualidade da vida cíclica dos povos indígenas que nós perdemos pelo distanciamento dos conhecimentos de nossos antepassados. Precisávamos constituir elos em sinergias lendárias, que são fontes das cosmologias desses povos que vivem o mito vivo. Queríamos também, quem sabe, um certo emplastro de plantas medicinais oriundas das florestas que nos mantivessem vivos e que na existência/resistência anunciasse a nossa cura.

Pretendíamos que a sociedade, através da escrita de cartas, projetasse suas “ideais para adiar o fim do mundo” com valores da “terra sem males” dos aldeamentos, e vibrasse por uma “terra livre” e irmanada. Os proponentes do projeto também objetivavam contribuir com a educação escolar indígena, visto que a busca por soluções pautadas nas modalidades de ensino remoto (on-line), não atendia às necessidades das crianças das aldeias. Como professoras-pesquisadoras almejávamos uma ação orgânica e, para tanto, as palavras vivas de Bispo dos Santos “confluência que é a força compositora da transfluência” (SANTOS, 2019, p. 24) serviram de impulso à proposição do intercâmbio de cartas. No movimento

poético, confluir é lutar pelo fortalecimento coletivo, e transfluir seria fortalecer as culturas. Esse pressuposto foi/é o nosso guia.

Essa ação afastaria o ciclo vicioso repercutido da lógica do colonizador de exploração, apropriação das culturas e tradições indígenas como alegorias, tratando seus saberes de modo estereotipado. Era tempo de construir metodologias contracoloniais (SANTOS, 2019), assim, tecemos as escritas das primeiras cartas e denominamos como carta-mundo (as que chegavam às aldeias) e cartas-terra (as que foram respondidas a seus interlocutores). Porém, as cartas que vieram dos territórios eram produzidas em escritas coletivas pelos guardiões e guardiãs da terra e do céu.

Na composição do projeto de escrita de cartas, a obra inspiradora que orientou a pauta foi a escrita de Ferreira (2014) intitulada “Sobre escrever carta”, propagando aos leitores (as) essa artesanaria.

Cartas são vestígios das mãos e do espírito de quem amamos[...] carta é um legado, uma forma de exigência, um apelo, uma expressão. [...] uma carta é um mundo, abertura possível para um mundo outro. A carta é uma expressão do tempo, feita de palavras e imagens. Escrevemo-nos quando escrevemos uma carta. [...] As novas gerações escrevem on-line e compartilham em processos vividos em contextos múltiplos, convidando em uma direção intergeracional, outros indivíduos a lerem suas biografias e experiências. [...] A escrita também é como a abertura de um novelo. Secretamente, enredamo-nos as linhas e cavamos, sem o perceber, imagens de nós mesmos, inalcançáveis por hora (FERREIRA, 2014, p.15-19).

Sob esse olhar, Munduruku (2012) conserva em alguns dos seus escritos literários o estilo epistolar, a exemplo na obra “Movimentos Indígenas no Brasil”, em que esse autor se conecta com seus interlocutores – os parentes indígenas de diferentes nações, aldeados ou não aldeados. Nesse formato de correspondência, a escrita é conceituada por ele da seguinte forma:

Sei que a Carta – ou a epístola – não é exatamente um estilo indígena, uma vez que exige o domínio da escrita. O estilo indígena seria baseado na oralidade, mas, certamente a carta é a que mais se aproxima do estilo oral e, por isso, o escolhi com a finalidade de aproximação. Também por isso, como será percebido, há algumas repetições de ideias, é apenas para lembrar o caráter da narrativa mítica, utilizada por nossa gente: ela é circular. Neste sentido, ideias importantes são permanentes lembradas para atualizar a compreensão de quem as ouve ou, neste caso, de quem as lê (MUNDURUKU, 2012, p.19).

Diante dessa circularidade, propomos o projeto Tupiabá como um grande arvoredor, e no ciclo de suas folhagens brotavam outros projetos originários com *corpus* teórico vinculados às literaturas de cosmologias indígenas. Assim, as narrativas nas correspondências tornam-se movimentos insurgentes, flechas permanentes de lutas coletivas. Continuamos a propagar novas escritas – cartas para as aldeias.

Escritas de si, escritas de nós, escritas do mundo

No tempo de fúria e caos, o projeto Tupiabá brotou em organicidade reflexiva, compondo elos educativos em alteridade, tecidas em relações consensuais e conflituosas, circuladas em encontros e desencontros que nos extremos se reconfiguravam. As produções de saberes foram integradoras nas etnometodologias⁷ cosmológicas indígenas, agregando saberes de territórios Tupiniquim e Guarani/ES, Pataxó/BA e distintos grupos indígenas do Xingu na região de Altamira/PA. À vista disso, os professores indígenas aldeados de diferentes etnias atuaram como professores formadores na teia de conhecimentos ancestrais ecológica.

Outras questões emergiram, como as histórias memoráveis de sustentabilidade da vida dos povos indígenas, herdadas dos antepassados como contributo para adiar o fim do mundo. Eles resistiriam aos impactos catastróficos provocados pela pandemia do coronavírus? O que poderíamos produzir como coletivo de educadores para a educação escolar indígena, uma vez que estamos diante de uma população desassistida por políticas públicas nacionais?

A partir dessas indagações, relemos a obra “O que é Educação” (1981) de Carlos Rodrigues Brandão, que naquele espaço-tempo anunciava a propagação educativa de aprender com os indígenas. O escopo de sua escrita era reaver as diversas cosmologias de conhecimentos orgânicos indígenas para refletir a educação, distanciando-se dos compêndios hierarquizantes da educação colonial.

⁷ Composições de processos metodológicos apreendidos das produções de saberes dos povos indígenas.

Brandão (1981) em “Educação? Educações: aprender com os índios” sugere tornar a escola uma aldeia, estabelecendo ligações com conhecimentos da educação indígena e educação popular, compreendendo que essas educações quando exercidas tornam-se a nossa própria cultura.

Do mesmo modo, com esse autor aprendemos que a educação e a pesquisa são produzidas “a várias mãos” (BRANDÃO, 2003). Nessa consciência, por livre sentimento, Brandão⁸ em 2021 inspira-se nessa cosmogonia indígena e torna-se também um interlocutor nas escritas para as aldeias.

[...] chegou a hora de a gente calar um pouco e ouvir a voz e ver as cartas do Sol e das Estrelas, a voz da Noite e a voz do Dia. E as cartas da Chuva, do Vento e das Estrelas. As mensagens do Mar, dos Rios, das Montanhas e das Florestas. E as cartas e palavras que estão no canto dos Passarinhos, nas cores da Borboleta, na Onça, na Capivara. Em tudo, o Eu vive, como as Árvores do Mundo e até nas Plantas que semeamos nas hortas e nos pomares, para delas nos alimentarmos. Chegou a hora de a gente calar um pouco e ouvir a voz e ver as cartas do Sol e das Estrelas, a voz da Noite e a voz do Dia. E as cartas da Chuva, do Vento e das Estrelas. As mensagens do Mar, dos Rios, das Montanhas e das Florestas. E as cartas e palavras que estão no canto dos Passarinhos, nas cores da Borboleta, na Onça, na Capivara. Em tudo, o Eu vive, como as Árvores do Mundo e até nas Plantas eu semeamos nas hortas e nos pomares, para delas nos alimentarmos (BRANDÃO, 2021).

Na mesma esfera de conhecimento, Krenak, em 1988, no ato da promulgação da Constituição, ressalva todos esses argumentos de forças contracoloniais, compondo uma narrativa severa e crítica aos imperialistas e seus projetos de devastação planetária. Naquele fórum, esse indígena esgotou todas as suas forças denunciatórias, antecipando o esgotamento dos recursos naturais da terra que desencadearia uma crise climática. Brandão coaduna com a consciência planetária desses povos em sua escrita.

Faz muito tempo que eu acredito com todas as forças que chegou mesmo a hora de algumas coisas começarem a mudar. E uma das maneiras de se começar a mudar o Brasil e o Mundo, é as pessoas aprenderem de novo a primeiro escutar e ler o que outras pessoas disseram e escreveram, para depois falar e escrever. Chegou a hora de os homens calarem e ouvirem as mulheres. A hora dos adultos calarem e ouvirem as crianças e os jovens. É tempo de os brancos calarem e escutarem os negros e os índios (BRANDÃO, 2021).

⁸ Esse fragmento foi um recorte de uma carta, enviada por Brandão, (via e-mail / anexa), recebida por uma das autoras em 23 de abril de 2021.

Krenak, em uma entrevista recente concedida a uma jornalista do Instituto Socioambiental (ISA), entra em consonância com Brandão, anunciando que tempos permanecem difíceis por serem movidos por sustentáculos das forças capitalistas.

O mundo vai continuar existindo, é claro! O combate ao colonialismo - que se chama debate decolonial – vai se ampliar cada vez mais. Mas o que a gente precisa pensar é como será a vida das pessoas nas comunidades, porque se a gente dismantelar a base natural da vida de milhares de comunidades, a gente pode até resolver a questão epistemológica, mas depois pronto, acabou, não temos mais colonialidade aqui, só que está todo mundo morto. Claro haverá vida depois desta desgraça toda, mas não é como dizem os fundamentalistas evangélicos, “que nós vamos todos para o céu” – com essa profecia celestina desgraçada, que sugere que a gente pode acabar com tudo aqui na terra porque tem um banquete celestial esperando em outro lugar. É uma narrativa terrível, a narrativa do necrocapitalismo mesmo. Ela fica impregnada no cotidiano das mentalidades das pessoas. Nós estamos passando um momento muito crítico da nossa história comum (KRENAK, 2023, p. 131-132).

Nessa consciência cosmológica, o coletivo Tupiabá adentrou ao mundo do mito vivo propagado por Krenak que, na obra “Ideias para adiar o fim do mundo”, acende a chama da continuidade do mundo fortalecendo as tradições orais dos povos indígenas de contarem histórias. Diante disso, o projeto Tupiabá escancara uma janela, reverberando a provocação mítica e cosmogônica desse xamã contemporâneo.

“Nande mitãramo, opa rupi ñande jaiko” - Quando somos criança, vivemos por toda parte. Proverbio do povo indígena Kaiowá



Escreva para as crianças indígenas relatando quais são suas “ideias para adiar o fim do mundo” (Ailton Krenak).

SAIBA MAIS

Seu nome (obrigatório)

Seu e-mail (obrigatório)

Sua Mensagem

Figura 1 – Página do Projeto Tupiabá.
Fonte: <https://projetotupiaba.com.br>



O projeto abriu fluxos, enredando o mundo com as comunidades indígenas. As cartas, impressas e envelopadas, foram entregues nas mãos de representantes dos aldeamentos envolvidos no projeto, respeitando os protocolos de cuidados para prevenção à Covid-19 elencados pela Organização Mundial de Saúde. Para tanto, contamos com a colaboração de professoras das escolas indígenas e/ou lideranças, professores de universidades e da Educação Básica. Na propagação do projeto, a canoa do tempo deslizou e adentrou em muitos afluentes, como no rio Doce ao Piraque-açú (Aracruz/ES), rio Jucuruçu-Conchó (Itamaraju-Seabra/BA), rio Xingu à trincheira Bacajá (Altamira/PA). Desde então, as canoas encantadas permanecem fluviais. Assim, somos embalados pela música de Milton Nascimento.

Canoa canoa desce, no meio do rio Araguaia desce no meio da noite da alta floresta levando a solidão e a coragem dos homens que são Ava avacanoê, Ava avacanoê, Avacanoeiro prefere as águas, Avacanoeiro prefere os rios, Avacanoeiro prefere os peixes, Avacanoeiro prefere remar Ava, prefere pescar, Ava, prefere pescar. Dourado, arraia, grumatá, piracará, pira-andirá, jatuarana, taiabucu, piraicanjuba, peixe-mulher, Jatuarana (NASCIMENTO, 1978).

Entrelaçando as experiências tecidas na exploração aberta do mundo e de nós mesmos, os etnosaberes são as nossas “ideias para adiar o fim do mundo”, um caminho para transformar a realidade capitalista vampiresca que nos oprime. As vozes ameríndias devem ecoar, elas reverberam florestas, modos de ser e viver comprometidos com a continuidade de um mundo que é para todos.

O que dizem as cartas? Carta-Mundo, Carta-Terra

Revelando ecos como poética, apresentamos algumas narrativas no encontro de saberes. Narrativas que não estão na ordem do tempo no sentido linear, rompendo com a perspectiva do tempo cronos imposto pelas sociedades ocidentais. Para além, consideramos todas as escritas, independente da temporalidade, pois ao revigorar uma escrita vinculada àquele tempo, que ainda não passou por permanecer povoando a mente, reverberam vozes de reflexões das consequências devastadoras nos resquícios de insanidade da humanidade. As ideias para adiar o

fim do mundo são cerzidas na escrita para os indígenas, reconhecendo suas lutas pela vida, legitimando autorias que, na pandemia, se propagaram em diversos pontos do planeta. A correspondência é enlace de histórias e memórias, escritas de coragem sublimando a temporalidade pandêmica. Nesse universo, as elipses narrativas tornaram-se rios caudalosos em fluxos livres.

Por conseguinte, compomos distintos processos educativos potenciais, promovendo conhecimentos indígenas circulares apropriados em qualquer tempo. Realizamos o evento Abril Indígena⁹ com aldeados, acentuando as vozes das crianças dos territórios lado a lado com caciques, xamãs e professores pesquisadores. Pensamos o mundo-aldeia nos quatros dias de trabalho coletivo, no fundamento de identidades de conhecimentos ameríndios em seus modos de “existência e resistência”, produzindo reflexões sobre os etnosaberes dos povos em suas sinergias ecológicas, em seus universos xamânicos em espiritualidade com fruição das motricidades humanas. Estando todos em isolamento em tempos de pandemia, esperançosos em viver um novo Abril Indígena, todos (as) paramentados em vermelho urucum.

Considerando que a educação é o principal instrumento de mudança e transformação das consciências, entendemos que reconhecer as identidades e pertenças culturais originárias viabiliza uma convers(a)ção fundante para transformação das mentalidades colonizadas. As cartas foram sementes fincadas nos berços da terra, cerzindo identidades em sentido de alteridades.

Nesse processo de propagação, apresentamos alguns fragmentos das experiências de escrita durante a crise sanitária em tempos de emergência. Na interlocução do mundo com os povos indígenas, a carta tornou-se um dispositivo estético de conversa(a)ção corroborando para que os sujeitos, nesse universo polifônico, buscassem a descolonização das mentes. Krenak (2019) instiga seus leitores à reflexão sobre outra ideia para adiar o fim do mundo, propagando novas possibilidades. Vejamos:

⁹ O evento Abril Indígena no ano de 2021, foi um seminário realizado com a temática Por Carta: escrita mundo-terra em diálogos com as infâncias e juventudes indígenas para o mundo em tempo de pandemia. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=LEkvcV3nPhk>.

Uma experiência transcendente, no qual o casulo humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que nos acostumamos a chamar de natureza. Não é nomeada porque só conseguimos nomear aquilo que experimentamos. O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar. Assim como vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nesta instituição para seguir, avançar num lugar de sonhos. Alguns xamãs ou mágicos habitam estes lugares e tem passagem por eles. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos; não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente (KRENAK, 2019, p. 66-67).

Com a proposta de transcender a situação patológica desconhecida, nos afirmamos na autoria Krenak traçando os caminhos possíveis. Nessa encruzilhada, compomos interlocuções considerando as perspectivas dos sujeitos nos vínculos com a natureza, implicando à sua corresponsabilidade na degradação ambiental e sugestionando o cuidado com o patrimônio natural. Apresentamos as cartas-mundo e cartas-terra, valorizando escritas originárias com intuito de interconectar sagrados na imanência das cosmologias indígenas. No fragmento a seguir, uma carta-terra.

Eikobé! Olá! Xe Rera (Meu nome é). Ikó (moro) na aldeia indígena (tupinakyêa) tupiniquim Ausub (amo) Ikobé (viver) aqui. Tupã moeté (honro) Deus moeté (respeito) à natureza pois dependo muito dela para obtermos nosso tembi'u (alimento). Gosto muito de brincar de bicicleta, subir em árvores, correr, tomar banho no rio. Na minha casa tem horta, roça de aipim mandioca e muitas frutas. Na aldeia onde moro todo os anos comemoramos o dia do índio com dança de congo e música tradicionais dos povos tupiniquins. Enfim é um prazer estar participando desse projeto e poder mostrar um pouco da nossa cultura. Tchau! e T'ere lur! Beijjos!!! (CRIANÇA INDÍGENA).

As tessituras de análises das cartas-terra e das cartas-mundo foram realizadas em círculos de convers(a)ção durante a realização do seminário, valorizando as autorias das crianças, adolescentes e professores das aldeias. A seguir apresentamos uma carta-mundo que remete à consciência da dominação europeia no continente americano, a partir do século XVI e a necessidade de reparação.

[...] antes de 1500, tudo estava em perfeita harmonia, as florestas de Pindorama, em tupi-guarani terra das palmeiras eram totalmente integradas aos seus guardiões primitivos. [...] Tudo estava em perfeita ordem e equilíbrio. [...] após a chegada do homem branco, a desordem foi estabelecida, foi necessária muita força, luta e resistência para superar até os dias atuais as influências dos imigrantes. Por toda generosidade, lutas e resistências ao longo destes 520 anos, venho humildemente pedir-lhes o generoso perdão. Com a esperança de poder-lhes apresentar em breve, o

meu mais profundo desejo de reconciliação, integração, harmonia e paz (TAY, 2020).

As análises dos conteúdos das cartas ocorreram a partir das unidades de significação na dimensão cosmológica das culturas indígenas em seus universos míticos, nas relações de identidade socioambientais (bem viver indígena). Outras unidades de significação foram analisadas a partir dos universos cosmológicos do conhecimento/desconhecimento da identidade, território/territorialidade, línguas maternas/línguas colonizadas e perspectivismo cultural ameríndio/imperialista.

Para a história não acabar: escrever cartas para adiar o fim do mundo

A busca pelos conhecimentos orgânicos com povos indígenas em conexões com os produtores das cartas, abriram a cala para a canoa do tempo encostar. Trouxemos um diálogo fluido de um descendente indígena do povo Assurini do Xingu, com uma poética de sentimento de identidade em alteridade com outros indígenas.

Oh pequeno curumim!
Meu nome é Renato. Sou de uma comunidade no Assurini...
Escrevo essa carta para te contar uma história,
De quando eu era criança
Que minha vovó contava pra mim
E sem muitas delongas
A história começa assim:
"Quando teu Vô era novo
Assim que a rente tinha casado
Chegou em casa brocado
Eu nada tinha aperparado³
Ele me proguntou o motivo
Falei que a carne tinha acabado
OH muié vou bem ali
Caçar um mateiro ajeitado
Chegando lá no mutá
Teu vô foi logo subindo
Um olho brilhou na mata
É o veado que vem vindo
Ele mirou bem no meio do quengo
E o bicho foi caindo
Teu vô aparpou o mateiro
Como esse ta gordo minino
Teu vô ficou mais um bocado
Pois não achou o bastante
Queria apanhar mais um veado



Pois viu outro rasto pouco antes
E voltar com fartura pra casa
Pra ele era muito importante
Pois sua fama de caçador
Chegava até às comunidades distantes
Na espera de mais uma caça
O véio viu um clarão
Cabelo de fogo e pele verde
Andando em sua direção
Caminhava com os pés ao contrário
Arrastando cipó de fogo no chão
Teu vô ficou apavorado
Quase lhe parou o coração
Luiz desceu da arvre logo
Correu pra casa aperriado
Muié ví um bicho fêi
Que me deixou arsombrado
Com o cabelo flamejante
E assobio estalado
Truxe só este matero
Por causa do endiabrado
Homi era o curupira
Que defende os animais
Ele apareceu pro cê
Porque ocê queria mais
Não se contentou com esta caça
E com os pezinhos pra trás
Já assustou muita gente
De olho grande de mais”
Oh pequeno curumim
Aqui termino minha história
Tenho muitas outras dessas daqui do meu assurini
Quem sabe conto uma outra história assim
Mas agora quero você me conte
Uma história sua pra mim (RENATO LIMA, Altamira/PA, 2022).

As narrativas abriam outros fluxos rio afora, foram contadas histórias que transcendem os tempos de pandemia. Afinal a história não pode acabar! Esse é fluido vital dos povos indígenas. Os diálogos permanecem sendo tecidos organicamente, histórias similares a essa já foram contadas na sala de aula de estudantes indígenas em diferentes territórios da coletividade Tupiabá. A memória supracitada é fundamental para o alimento da vida e é conhecimento ancestral. A referência é espichar o fim como a cobra grande, cobra-canoa, cobra encantada dos Dessana¹⁰ que atravessa o tempo em suas míticas. Por essa via, “o simbolismo das

¹⁰ São povos indígenas que habitam as cabeceiras do rio Tiquié e seus afluentes Cucura, Umari e Castanha; o Rio Papuri. Um dos seus mitos é a cobra-grande, cobra-conoa.

águas e dos rios constituiu fluxo de continuidade que levou o ser encantado a navegar sob um mar de significados” (PINTO; OLIVEIRA, 2012, p.19).

No bojo dessas representações, percebe-se a conexão com a natureza no bem viver indígena embrenhado das mitologias da floresta. O vínculo com a espiritualidade antiga mantida pelas tradições culturais e pelo sagrado no uso da materialidade viva dos muitos lugares imaginados nas profundezas dos seres das florestas.

O tempo da pandemia instigou reflexões profundas e representou também um, tempo de muita resistência do Território Pataxó, Extremo Sul da Bahia. A carta que segue é uma denúncia e, ao mesmo tempo, um anúncio indígena sobre a origem da crise sanitária global e as possibilidades de cultivo da vida na Mãe Terra.

É uma satisfação enorme escrever esta carta para vocês. Meu nome é Maine, sou pataxó e cresci em Cumuruxatiba que é um Território Indígena. Devo dizer a vocês que por força maior, fui estudar numa cidade grande. Aí eu descobri que, por causa de um monstro chamado “CAPITALISMO”, ele dominou o mundo e deixou todo mundo doente. Os principais sintomas dessa doença é o egoísmo, a ganância, a falta de respeito com a natureza e a falta de amor ao próximo. Infelizmente, os seres humanos ficaram doentes e estão destruindo tudo, estão derrubando árvores, secando os rios, matando os animais, poluindo o mar e tudo por dinheiro. A nossa casa Mãe Terra está MORRENDO!! Apesar de toda essa situação estar ruim, essa doença não é incurável. Eu acredito que a cura do mundo é o amor. E sabe quem pode contribuir com a cura do mundo? As comunidades indígenas! Isso mesmo. A nossa sociedade seria muito mais feliz e mais justa, se vivesse como uma aldeia, pois daria mais valor ao relacionamento entre as pessoas, saberiam viver em comunidade. As pessoas podem aprender também com vocês, a conviver em harmonia com a Mãe Terra, dedicando-lhe respeito, amor e profundo zelo, pois a Terra para vocês não é só o lugar onde se vive. Ela é sagrada (MAINE PATAXÓ, Aldeia Cahy/BA, 2020).

Nos contextos de infâncias, outra carta-terra chegava articulada com imagens ressaltando as potencialidades do território, acentuando para o leitor o modo de vida de sua comunidade e sua identidade nesta existência humana. A carta de Esmeralda veio com desenhos do seu território.

Olá. Meu nome é Esmeralda. Sou índia e moro na aldeia indígena de Aracruz, ES. Eu. Tenho 9 anos e vivo aqui, no mato, com muito orgulho porque sou uma índia guerreira. Gosto de natureza, aqui tem muito, pássaro, árvores, rios, peixes, caça, várias coisas (Esmeralda, Aldeia Pau Brasil, 2020).

É importante ressaltar que a maioria das cartas-terra não foram endereçadas a um interlocutor específico, foram escritas de si, manuscritas do lugar onde essas crianças e adolescentes vivenciam suas territorialidades. Uma das cartas veio da Aldeia Irajá, em 19 de março de 2021. Acauany, em sua escrita, tece crítica à colonialidade encarnada que permanece perpetuando estigmas sobre os povos indígenas, sua maturidade e consciência indaga a dívida histórica e todos os impactos da exploração dos portugueses e as consequências que resultaram nos epistemicídios e genocídios dos povos indígenas.

Olá! Tudo bem? Fiquei muito feliz em saber sobre você. Vou contar um pouco sobre mim, me chamo Acauany, tenho 15 anos, sou Tupinikim e estou no 1º ano do ensino médio [...] Moro na Aldeia Irajá, aqui é um lugar legal, tem várias casas, várias famílias, a maioria das casas são de alvenaria, algumas são de estuque. Quando falam em aldeia, já pensam que os Índios moram em ocas, não tem celular, não tem carro, não tem tecnologia, moram no meio do mato, andam nus. Tem uma cabana grande que geralmente é usada em ocasiões de reunião da comunidade [...]. Tem uma diferença entre os Tupinikim e os Guaranis. Nós Tupinikim não falamos a nossa língua, que é o Tupi que era para ser a materna. Nossa língua materna é o Português e a segunda língua é o Tupi. Nós não falamos mais o Tupi, porque quando os Portugueses chegaram aqui no Brasil, os primeiros a ter contato com eles foram os Índios, em 1500. Os portugueses escravizaram os Índios, foram proibidos de falarem a sua língua e foram obrigados a falar o Português. Se alguém falasse em sua língua materna era castigado e servia de exemplo para os outros. Nas escolas principalmente eles tinham a palmatória. Já os Guaranis falam a língua deles mesmo, a língua materna Guaraní e a segunda é o Português. Porque no início da colonização eles tiveram menos contato. Eles estavam mais no centro das matas, diferente dos Tupinikim que sempre moraram no litoral Brasileiro, tendo assim os primeiros contatos Portugueses com os Tupinikim. Quando as pessoas vêm e perguntam: - Por que vocês Tupinikim falam em Português e os Guaranis falam na língua deles mesmos? A explicação está logo acima. Por causa da invasão do Brasil, a colonização opressora. Hoje em dia nós falamos o Português e o Tupi é estudado na escola. É uma disciplina. [...] (ACAUANY, Aldeia Irajá - Aracruz/ES, 2021).

Considerando a cultura como referência de identidade, ação e memória dos diferentes grupos que formam a sociedade, a inventividade da vida na escrita de cartas foi e ainda é um convite reflexivo a outras visões de mundo. Para a permanência da circularidade dessa projeção formativa-performativa de conhecimento indígenas, optamos em trazer uma carta que resume nossa luta de existência e resistência indígena. Vejamos:

[...] Aos originários irmãos em suas etnias tribais. Respeitosamente, venho lhes falar, com muito apreço e gratidão, peço licença para entrar no universo



de teu linguajar que, por força de humanidade, desde a minha infância aprendi a respeitar. Preciso falar porque a palavra dita ecoa, empenha e comprova a sua origem. A palavra une significante ao significado, entranha a alma e traz em si, a marca do lugar, o chão da resistência. A palavra dita ultrapassa as gerações, porque bate, rebate e se assenta, aguçando o seu sentido, ligando o criador à criatura, o sujeito às suas origens e a sua identidade. É soletrando certas palavras, que dá gosto de ouvir que vou adentrando com respeito, coragem e gratidão. Quero dizer do que sinto quando me pego a repetir palavras que resgato de alguns lugares de passagem. Uma delas é a palavra pedra. A palavra pedra é dura, resiste, marca e se impõe por natureza, mas pedra em sua origem é Ita! Itararé, Itaoca, Itaúnas, Itapemirim, Itaipava, Itaguaçu, Itanguá, Itanhangá. Assim, ita ecoa em meus ouvidos e finca raiz na memória. Ita é palavra que fortalece. Vejo-me ita, Ita que vem de ti para mim. Ita dá resistência a Terra, marca o lugar que acolhe, a cosmogonia do planeta, dá a cura, a coragem e o acolhimento, demarca o espaço onde se pisa. Dito apenas isso, deixo muito a desejar, desejo muito respeito às origens de nosso falar. Como diz o poeta, a pedra tem muito a nos ensinar. Agora peço licença a Melo Neto, o João Cabral, o pernambucano arretado, este sim soube respeitar e escreveu este poema, que passo adiante a recitar. (...) A Educação pela Pedra: Uma educação pela pedra: por lições; para aprender da pedra, frequentá-la; captar sua voz inefática, impessoal (pela de dicção ela começa as aulas). A lição de moral, sua resistência fria ao que flui e a fluir, a ser maleada; a de poética, sua carnadura concreta; a de economia, seu adensar-se compacta: lições da pedra (de fora para dentro, cartilha muda para quem soletrá-la muda, para quem soletrá-la (...)) No mais, com essas poucas palavras, mas não com pouco sentimento, fica aqui empenhada a palavra RESISTÊNCIA, registrada a duras penas, nas itas de muitos lugares, inclusive nos linguajares, que desses ninguém lhes tira, pois como Caetano vou repetir e “deixem que os poderosos morram à míngua, nossa terra, é nossa língua” (MARTANEZIA PAGANINI, Vila Velha/ES, 2020).

O Tupiabá é um rio de contas, um rio doce do povo Krenak e de outros indígenas de Norte a Sul do país. O tempo anunciado por aquela catástrofe pandêmica requeria consciência coletiva no desafio da vida-morte. Na perspectiva de transformação, fomos ver os rios nos fluxos educativos dos movimentos dos povos indígenas. E nesse contínuo anunciamos que somos um só povo no rio Doce (MG/ES), rio Jucuruçu-Conchó (Itamaraju-Seabra/BA), rio Xingu à trincheira Bacajá (Altamira/PA) - assim como em outras tantas “veias abertas” que atravessam as terras brasileiras. Somos povo da roça de milho e isso compõe nossas memórias indígenas encarnadas no cotidiano.

O projeto Tupiabá tem pertencimento à cultura capixaba, com forte influência Tupiniquim, Guarani e Krenak. Esse território tem língua própria, esse povo não parte o coco, poca; lagartixa aqui é taruíra; derramar é esborrar; nossa comida é



moqueca (peixe) e torta capixaba. E para honrar a nossa raiz que vem da terra, cozinhamos a torta e a moqueca com coentro em panelas de barro. A poetisa capixaba, Elisa Lucinda, reconhece a identidade peixense na arte culinária do barro. E assim:

Todo capixaba tem um pouco de beija-flor no bico,
uma panela de barro no peito,
uma orquídea no gesto,
um cafezinho no jeito,
um trocadilho na brincadeira,
um congo no andar,
um jogo de cintura,
um chá de cidreira,
uma moqueca perfeita,
e uma rede no olhar (LUCINDA, *Todo capixaba tem um segredo de espuma*, 5-14).

Dessa forma, somos desafiados ao movimento que se abre do local ao universal buscando, no intercâmbio de nossos saberes e identidades, aquilo que nos distingue e, também, o que une a todos os filhos da Mãe Terra. Somos imbirá, embornal e samburá, a nossa história é circular, nossa aldeia Tupiabá. Numa circularidade que é resistência, escreva para as crianças indígenas relatando quais são suas ideias para adiar o fim do mundo, vivendo como nós, em identidade na diversidade.

Referências

BANIWA, F. Rio negro, nós cuidamos. In: RICARDO, F. (Org.). **Povos Indígenas no Brasil**: 2017-2022. 1ª ed. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2023. p. 21-22.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, C. R. (Pesquisador - Educador Popular). **[Correspondência]**. Destinatário: Marina Rodrigues Miranda (Professora da Universidade Federal do Espírito Santo), 23 de abril. 2021.

FERREIRA, M. S. Sobre escrever cartas. In: TAVARES, G. M. (Org.). **Cartas para pensar**: Políticas em pesquisa em psicologia. (Org.) Vitória: EDUFES, 2014, p. 15-19.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. A terra cansa. In: RICARDO, F. (Org.) **Povos Indígenas no Brasil: 2017-2022**. 1ª ed. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2023. p. 131-132.

LUCINDA, E. [**Todo Capixaba tem um segredo de espuma**]. Disponível em: <<https://raizescapixabas.blogspot.com>>. Acesso em: 05 março de 2024.

MIRANDA, M. R.; STRELHOW, F. G.; CARMARGO, F. M. B. Projeto de Extensão **Cartas dos (as) guardiões (ãs) da Terra e do Céu**: experiências de escritas originárias das crianças indígenas para o mundo. Edital Prosis 07/2020 – chamada interna de apoio a projetos de extensão para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19), aprovado em 19/05/2020.

MUNDURUKU, D. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 2012.

NASCIMENTO, M. [Intérprete]. Canoa, canoa. In: **Clube da esquina 2**. © EMI Music Brasil Ltda, 1978. Disponível em: <https://youtu.be/grV4xFVywos?si=_2j6C9O1DzZCg5UH>._ Acesso em: 26 nov. 2023.

PINTO, M. C. O.; OLIVEIRA, B. S. **Cultura e ontologia do mito da cobra encantada**. Ed. Manaus: Universidade do Amazonas, 2012.

SANTOS, A. B. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. In: OLIVA, A. R. [et al.]. **Tecendo redes antirracista**: Áfricas, Brasis, Portugal. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2019. p. 23 – 35, 90-112.

TUPIABÁ. Projetos Originários. **Cartas para a aldeia. Cartas dos (as) guardiões (ãs) da Terra e do Céu**: experiências de escritas originárias das crianças indígenas para o mundo. Disponível em: <<http://projetotupiaba.com.br>>. Acesso em: 26 nov. 2023.